



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

16 DE JUNHO DE 1956
Ano XII — N.º 321 — Preço 1\$00

DOCTRINA

Um sacerdote de nomeada, que parece ter escandalizado com seus sermões, fez a Quaresma passada em uma emissora de Paris, tendo escolhido por tema, cada um em seu domingo:

- O homem sem trabalho.
- O homem sem abrigo.
- O homem sem pão.
- O homem analfabeto.
- O homem portador de doenças incuráveis.

Tem graça que um outro afamado pregador de Nossa Senhora de Paris, tendo recentemente feito algumas conferências no nosso meio, ocupou-se de Vicente de Paulo como sendo o homem que no seu tempo se importou e deu a vida por aquelas cinco categorias. De sorte que, em nossos tempos, temos que a maneira mais compreensível e eficaz de comunicar ao povo Deus nos seus atributos e Cristo nos seus mistérios, é fazê-lo através do homem.

Tendo nós a experiência do que já está feito, a tendência que existe de fazer muito mais, a constante e dolorosa preocupação do Sumo Pontífice e a estupenda aceitação dos fiéis, com todos estes elementos vivos e vivificantes, vamos à paróquia. Ela é parcela exacta da Igreja Universal. Dificilmente se encontra hoje uma, onde não existam casos daquelas cinco categorias que o P. e Pedro denunciou nas emissoras de Paris durante os seus sermões da Quaresma. Pão, Trabalho, Abrigo, Doenças—todas estas necessidades do homem podem e devem ser atendidas no seio da família paroquial. O altar seja a fonte. As chagas do homem sejam o assunto. Por este caminho, é possível implantar-se na mente de cada paroquiano coisas novas fundadas em verdades eternas, isto é, a convicção de que a sua freguesia se deve bastar, a confusão de que assim não tenha sido e o desejo firme que tal não torne a ser. Isto significa a criação de uma mentalidade nova, que, afinal, já se vai esboçando no nosso meio; exemplo, crianças das escolas com sua refeição quente. Precisamos acreditar na eficácia destas doutrinas. Pela força do seu equilíbrio elas ajustam-se e tomam raízes no coração de homens equilibrados.

Acreditemos. Pois se ele é verdade que o Mal, às vezes faz tanto mal, quem pode duvidar do Bem?

Património dos Pobres

Mais «Morris». A minha primeira e constante aplicação ao pé do rapaz que me conduz, é impedir que ele ultrapasse. Não me importa saber qual, que eles são todos na mesma. Não suportam nada à sua frente e se o carro tem chapa estrangeira, isso então é muito pior. Tentam. Procuram desobedecer — «aqui é Portugal!» Se os senhores ouvirem dizer que eu um dia fiquei às pedras, não precisam de ir perguntar a ninguém a causa do desastre; «aqui é Portugal».

A nossa primeira paragem foi em S. Martinho do Porto. O plano das casas ali é inteiramente semelhante ao das Caldas. Prometeram-me que no próximo Agosto vão ser entregues e na mesma altura, estando a praia no seu auge, não há dúvida nenhuma que o pároco vai receber o suficiente para continuar. O terreno oferecido chama por doze moradias. Dali às Caldas é um nada. As três já habitadas vão-se juntar outras tantas. Estão nos acabamentos. Dali fomos a Rio Maior. Estão caboucos abertos. Espera-se o dia em que muitos já prometeram e vão buscar a pedra de uma só vez para toda a construção. De Parede, boas notícias. O que até ora parecia ser impossível, já não é. Pároco e vicentinos têm terreno cedido pela câmara de Cascais. Têm dinheiro em caixa. Têm boa vontade. Resultado: casas. E agora cá vamos pelo Alentejo dentro. Mais dificuldades. O

rapaz do volante entusiasma-se com as rectas e aí vem o delírio! Eu não tiro os olhos do contador. Não posso descansar. Tenho de ir num alerta permanente. Oh desgraça!

*** As casas de Vendas Novas, espreitam quem vai na estrada. Ouvi dizer que por este Santo António se entregam algumas; quisera que fôsem todas.

*** A passagem por Montemor não me tive que não entrasse nas dez, alimentadas pelos Vicentinos e construídas pela Mãe do Marido da Maria Florentina. Todas com seu quintal. Habitantes bem pecidos e felizes. O «cicerone» informa que uma família de sete houve de retirar. O mesmo ouvi dos vicentinos de Rio Maior, de uma família de nove. Isto quer dizer que a Obra tem estatutos e estes se cumprem; mais nada.

*** Dali a Arraiolos é um salto. Já não são os famosos tapetes. Hoje fala-se por lá de algo mais. «O Calvário!» Um cavalheiro quis oferecer terreno, um olival à beirinha da estrada com 5.000m². Estava o senhor Arcebispo. Estava o senhor Governador Civil. Câmara. Vicentinos. Muito povo. Será possível que a salvação venha do Alentejo?!

Quanto a casas, também não ficam as quatro que eram; vão ser mais. Um outro cavalheiro adianta-se, oferece terreno e o dinheiro preciso para cinco! Isto é o Alentejo novo. O Alentejo renascido!

Ali nos juntamos no salão paroquial. Haviám sido convidados e compareceram o pároco de Aldeia de S. Bento, Extremoz, Viana do Alentejo, Vendas, Alandroal, Alvito, outros. Incendiários! A fogueira começou imediatamente. Os presentes, alguns dos quais autoridades supremas do Distrito, aticavam: «oh padres, é agora!» De sorte que o «Património», por ser da paróquia é da Igreja; e porque desta, é nossa. Não pode ser circunscrita. Ninguém lhe pode chamar a «sua» Obra.

Deram-me um cesto de pão caseiro. A Maria Florentina mandou um criado com mimos, pelo que foi possível, eu mal-lo volante fazer uma esplêndida merenda alentejana, à beirinha dum regato e a caminho de casa.

*** Tendo dito de Arraiolos, digo ora de Elvas, por onde passamos. Ali é luto; há terreno, há dinheiro em caixa,

há os estatutos devidamente aprovados, há a multidão de Indigentes à espera—e isto é que faz com que o luto seja pesado.

*** Mais uns quilómetros e temos Campo Maior à vista. Três blocos de duas moradias cada um. É a sala-cozinha, são três quartos espaçosos, arranjo sanitário—tudo na marca. O terreno pede mais casas.

Há ali uma grande dose de boa vontade para construir mais. A imensa penúria dos habitantes espera por elas. Porém, às vezes, as Câmaras, presas à letra do código, não dão fé do que devem aos seus municípios em necessidade extrema.

Continua na quarta página

Calvário

Não nos admiremos se tal como do Património, também amanhã muitos párocos e vicentinos venham a perder a cabeça e fundar na sua aldeia o pequenino «calvário» da comunidade— não nos admiremos. É que sendo hoje multiplicados leitões e hospitais, mais o são os doentes, de sorte que fica sempre de pé a demora em prejuízo imediato dos que precisam.

Temos de regressar aos primeiros tempos das Misericórdias, fazer guerra às guias e atestados, abrir a cama a quem racionalmente a pede.

O nosso de Beire, tem um sentido mais lato pelas suas proporções, mas a regra é só uma. Tanto uns como outros, têm a missão de engrandecer a terra, revelando com sua presença o Homem Deus que a pisou. Pois ele não é verdade que ainda o dia da sua abertura vem longe e já começam os homens a interessar-se?

Mal a primeira casa ficou concluída e logo apareceu um senhor de boa vontade que a deseja mobilar! Ora se nós fizermos as cinquenta, quantos senhores, quantas mobílias, quanto tudo! Aparecem mais depressa os benfeitores do que os beneficiados! Quere dizer, o mundo tem fome... de Verdade!

No próximo número daremos aqui a relação das coisas e dos dinheiros que vamos recebendo; e na hora em que os Primeiros se vierem instalar no que é seu, ninguém nos pergunte se nos falta alguma coisa, sabendo-se que justamente porque nenhum deles traz nada, Deus dá-nos tudo.

Cantinho dos Rapazes

Porque o discurso do Santo Padre referido no último «Aqui Lisboa» é dirigido em grande parte aos jovens que se educam no Internato Nacional de Roma, este «Cantinho» vos leva notícia dessas palavras, que são norma de vida para todos nós.

A palavra do Papa é a da Igreja. E a Igreja não tem outra palavra senão Cristo. Ele é o Verbo, a palavra da Vida. Ora estas regras de Pio XII não são novidade para vós, por graça de Deus. Porém, o facto de Ele as ter dito à juventude de todo o mundo é uma graça de renovação, que vem confirmar as nossas convicções.

A educação de um homem é sobretudo, obra do próprio, a realizar com o auxílio daquelas que a Providência pôs à sua beira para esse fim. A liberda-

de é característica fundamental. Do barro ou da pedra, basta ser-se escultor de génio para fazer obra-prima.

O homem, porém, é «matéria» resistente. Ninguém conseguirá formá-lo se ele não quiser formar-se. A tarefa do educador consiste em dispor as circunstâncias, em facilitar, em atrair e empurrar... E todos estes verbos não exprimem outra acção que não possa resumir-se neste: ajudar. A obra é, sobretudo, do próprio.

Para que o próprio queira é preciso primeiro saber o que quer. Sem isso seria andar à deriva. O atleta não corre por qualquer caminho. Segue a pista que conduz à meta, na ânsia de a cortar. Portanto, «o primeiro passo de qualquer óptima educação» é «olhar para o mais alto possível».

A preguiça própria e a banalidade que vai por esse mundo não estimulam à contemplação das coisas elevadas, mas sempre «o jovem inteligente e são» ouve dentro de si o convite «a grandes e belos ideais». Sem ideais grandes e belos a servir de meta, falhou a primeira etapa. A educação estará perdida.

Mas, para a vitória não basta haver meta; é preciso correr. «Ao desejo de altos objectivos na vida, deve seguir-se o empenho, e este, por sua vez, deve ser constante, inflexível nas provocações e para as renúncias, porque, como diz o antigo rí-fão, «o que não custa não vale». Ninguém se iluda, pois, julgando que formar-se um homem é trabalho fácil. Ele é um recomeçar em todos os dias. É

Continua na terceira página

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

AGORA

Cantinho dos RAPAZES

— Continuação da 1.ª página —

O NOSSO JORNAL...

Aqui por baixo do escritório da Tipografia é a sala de Composição, ao fundo da qual se ergue, vaidosa, a «Intertype». Ocupado com a dita temos o Domingos Anjos, soldado de infantaria, ora de licença e aproveitando todos os bocadinhos disponíveis para se instruir e assim poder triunfar na vida. Pois bem. O nosso Daniel, mai-lo Fernando Inácio e sobretudo o Domingos Anjos, candidatos a linotipistas, não me têm largado: «é preciso original. Assim atrazamos o próximo jornal e temos a máquina parada!», etc. etc. E todo este barulho porquê? Hoje, terça-feira, falta material por via da ausência forçada do nosso Pai Américo, em peregrinação por terras do sul. Motivo? O Património dos Pobres. No fim da trovoadas desencadeada pelos compositores abre-se a porta do escritório. É o «Banana» com sua crónica na mão. «Banana» é um rapaz alegre, nome muito conhecido na venda e «camisola amarela». Pois contra o costume, o rapaz parece-nos mal humorado, um quase nada zangado. Causa? «A venda corre mal!». E caso curioso, atira-se aos senhores: «os da venda dizem que os senhores não compram». Ora eu disse-lhe que não. «Banana» não tem razão. O insucesso da venda parte dos vendedores. Queira Deus que o rapaz na próxima quinzena traga outra cara e não meta os senhores em sarilhos.

... E A «CAMPANHA»

Antes de mais, é com muita alegria que saudamos, deste cantinho, essa pleiade enorme de Angariadores devotados à cata de gente fresca. Para se avaliar do espírito e compreensão dos leitores basta dizer que, finalmente, as grandes listas pejadas de «prováveis» desapareceram do mapa. Em substituição recebemos «circulares» com poucos assinantes, mas certos. Gente fresca e cheia de vontade. Dessas é que vale a pena e a gente precisa. De contrário é tempo perdido, porque devolvem na recepção do primeiro exemplar. Temos, até, um caso curioso: um senhor de algures cujo nome foi indicado por alguém, recebeu o «Famoso» em regime de experiência. O certo é que não gostou do caso, devolveu o jornal e expediu-nos uma carta a queixar-se do atrevimento. Em resposta esclarecemos o facto e foi o bastante para que, na volta, o queixoso confirmasse a inscrição e se apresentasse com uma nota de banco! Para evitar casos idênticos façam todos por prevenir. E, já agora, prestemos atenção: «Cumprindo um dever que há muito deveria ter cumprido, junto envio uma lista de 4 assinantes que pagam, porque me encarregarei de perguntar se enviaram a importância referente à assinatura. Espero me desculpem de não o ter feito há mais tempo». Estes 4 novos assinantes inscreveram-se por sua real vontade. Assim, sim. Mais;

Vejam aquele «cumprindo um dever que há muito deveria ter cumprido». Isto é uma lição. Este assinante e amigo, é mestre. Porquê? Colaborar na Campanha dos Cinquenta mil é cumprir um dever, um doce dever.

Já que estamos em maré de cartas, de que a «Campanha» tem sido fértil, aí vai outra: «Como recebi, juntamente com o querido jornalzinho «O Gaiato», essa circular, tentei ver se arranjava algumas assinaturas. Apenas consegui uma, e de pessoa pouco abonada de meios, que envia 24\$00 pela assinatura, tendo escrito com a sua própria mão o nome e o endereço. Bem quisera eu encher todas essas linhas: mas aqui, onde vivo, é um lugar pequeno, e nem todos compreendem que um sacrifício, feito por uma obra de tamanho vulto e de tão grande e profundo significado moral, seria um passo no aperfeiçoamento da alma.

Em todo o caso essa assinatura é um número a contribuir para a colecção de muitos. E que «O Gaiato» progrida sempre, continuando a encher-nos a alma com a sua consoladora e edificante leitura.»

J. M.

Deste pequenino e obscuro advérbio, tem sido possível fazer o grande verbo que vem consumindo as almas num fogo devorador; e não é tanto o verbo em si como os tempos que o esperavam. Quando as searas estão maduras, toda a colheita é boa de fazer. Estava-se na verdade à espera que alguém começasse. O «Agora» veio no seu tempo!

Aqui vai mais um cheque de 500\$ «assim me vou aproximando dos doze contos para a casinha que devo aos Pobres». Assim fala a Alda da Beira. Beira, África. Note-se que a maiúscula com que escreve o substantivo pobre é dela. Mais declara naquele friso de palavras que «a casa é uma dívida.» Dívida que ela escolhe e faz e deseja pagar. Quantas searas maduras e que grandes extensões! Quem quiser levantar os olhos pode ver muito e quem souber meditar há-de compreender que chegou o tempo de ceifar. Venham mais ceifeiros!

Queiram dar lugar ao mundo do pessoal dos Serviços Médico Sociais da Zona Sul que vão aqui com a sua última prestação de 2.319\$50. Desejam eles que esta casa seja construída no Sul, qualquer sítio, e que depois desta será a casa

Zona Norte. Chegaram aos 20 contos e quê. Começaram em Setembro de 1954 e acabaram em Maio de 1956. É uma casa de pedras pequeninas. Mais beleza porque tem a marca de sacrifícios. Sim senhor; vamos mandar fazer a placa.

Mais espaço por favor; Uma Viúva foi ao Monte Pio e deixou ali ficar a última prestação da sua casa, 6.000\$. «Uma funcionária da Câmara do Porto», não desiste e deixou ficar no Espelho da Moda a quinta prestação—«Casa dos Meus Filhos». Ela diz—«vai devagarinho mas hei-de chegar ao fim. Sei que Jesus me há-de ajudar para cumprir o que prometi». Nem dúvidas nem trevas nem temor. «Sei que Deus me há-de ajudar».

Vai aqui um assinante com 171\$ «de uma coisa que vendi e não posso presentemente dar mais». Isto é espantoso! Não sei que mais apreciar, se a revelação de tanta riqueza escondida, se a construção de casas. Aqui vão outra vez os quatro irmãos com os 200\$ da marea.

Agora são duas casas. Tem a palavra, o Pessoal Maior e Menor das Águas e Saneamento do Porto, sendo seu desejo uma placa e construir algures, não muito longe do Porto. Também estas são feitas de pedras muito pequeninas e levaram cerca de dois anos a carrear. Sobretudo a dos operários. A quem tem pouco faz muita falta o pouco. Anda aqui grande força de heroísmo, tanto mais apreciável quanto mais livre. Sim, porque ninguém obrigou os homens das Águas e Saneamento, antes cada um se obrigou a si mesmo. A oferta veio aqui ter pela mão do senhor Engenheiro Director dos Serviços, na companhia de mais alguns Funcionários.

Outra casa. É de Lisboa. «Não sou rica, vivo de uma pensão». Assim começa a carta. Tem de ser mui disciplinado aquele que vive de uma pensão. Ela é já o orçamento do ano. É uma óptima companheira. Evita perigos. Livra de tentações. Esta senhora que ofereceu a casa vive de uma pensão. E como lhe foi possível? Muito simples. Recebe um dinheiro com que não contava, tendo antes feito a promessa a si mesma que, se o recebesse daria uma casa. Recebeu. Cumpriu. Acabou. Podendo ser, diz ela, desejaria que fosse erguida em sítio que indica. Talvez terra onde nasceu. Talvez berço dos seus mais queridos, pois que na carta se recorda o nome do Pai e o do Marido. De entre tantas razões de piedade que o Património oferece, não é certamente mais pequeno isto de se pretender um monumento aos seus Mortos, em sua terra natal. Pois bem. A casa não pode ser erguida naquela terra. Se me não fosse dada a escolha doutras, teria de recusar. Dá pena!

Chales de Ordins

A propagandista de Pontével aparece com nova encomenda de um grande e outro pequeno, com 180\$. A de Macieira (Barcelos) novamente cá vai com 60 para um chale de baptizado. Silves, com 350\$, três grandes. Outra vez Macieira com 295\$, para dois grandes e um pequeno. Alcobaça retorna com 70 para um dos pequenos. Do Liceu de Passos Manuel, em Lisboa, um dos médios. De Chaves, uma «grande admiradora da vossa obra», com 70, um dos pequenos. Na Ribeira Brava (Ilha da Madeira), uma Vicentina incendeia tudo. É o Património dos Pobres e são os Chales de Ordins. Para não conhecer dificuldades insuperáveis, nem se deixar abater pelo desânimo, reza e faz rezar. «Antes de terminar, vou fazer um pedido importante que é rezar pela obra do Património nesta paróquia. Faça este pedido ao Pai Américo. Reze para que Deus nos ajude a alcançar dinheiro para esta casa, não se esqueça». Dinheiro não falta; generosidade, isso, sim. Roguemos, então, ao Senhor esta graça, para que os ricos se salvem. As riquezas embaraçam-nos. A Vicentina acha os chales «muito jeitosos. Gostamos imenso». Por isso, envia 200\$ para mais três dos pequenos. Benavente, idem, com 270\$. Porto um de 90\$. Do Hospital da Nazaré 60\$ para um pequeno. São as Religiosas de S. José de Cluny, que não querem ficar de braços

cruzados. «Também nos esforçaremos de fazer propaganda». Das Caldas da Rainha nem se fala do que por lá vai: mais 400\$ para três de 60, um de 90 e outro de 110.

Porto com 100 um de 90. De Alvaizere, uma «grande admiradora da vossa obra» volta com 70 para um de 60. É uma prenda de anos. Da Secretaria Notarial de Celorico de Basto com 120 um dos grandes, para prenda de anos também. De Angra do Heroísmo (Açores) com 100 um de 90. As Ilhas estão a despertar, senão vejamos: Horta (também Açores) pretende um dos maiores. Muito esperamos delas. Gondomar conhece já os nossos chales. Volta, por isso, com nova encomenda de dois médios e outros tantos dos pequenos.

Introduz-se uma pequena alteração nos preços. O chale grande passará a custar 120\$, mais os habituais 5\$ para correio. Como os grandes têm o dobro de mão-de-obra e neles se gasta o dobro da lã, justo é que também o seu preço seja em duplicado, e não 110\$. Isto não afugentará ninguém, pois a maior parte dos compradores já estava a pagar os 120, e até mais.

Cores: branca, «beige» clara e escura, rosa, azul celeste, castanha clara e escura, azul marinha, laranja e preta. Importante: façam já as suas encomendas para o próximo inverno. Dentro duma carta, enviem o seu pedido, acompanhado do respectivo vale. Não se aceitam selos fiscais.

Padre Aires

VISADO PELA
Comissão de Censura

necessário perseverança, paciência conosco mesmos, sobretudo a altíssima virtude da Humildade, que nos ensine a pouco esperar de nós e a tudo esperar d'Aquele que é a Força de Deus. É neste dia a dia constantemente lutado que vem a preciosa e indispensável colaboração de quem a Providência pôs à nossa beira para nos ajudar. Sem ela, normalmente, todo o nosso esforço seria baldado.

E qual o alicerce desta colaboração? «A confiança, fruto da estima, que consiste na persuasão íntima de que tudo quanto vos é ensinado, aconselhado, disposto, deriva do afecto e tem em vista o vosso bem, mesmo que à primeira vista não lhe vejais claramente os motivos».

Sem confiança toda a relação entre os homens se transforma em guerra surda, guerra de nervos. Nem se pode falar em colaboração, onde falta a unidade de pensamentos e de corações em busca do mesmo fim. Pode haver grandes e belos ideais. Sem confiança, que «deriva do afecto e tem em vista o vosso bem, mesmo que à primeira vista não lhes vejais claramente os motivos», terá falhado a segunda etapa. A educação ainda estará perdida.

Quanto de vós não sabem esta verdade, meus rapazes! E, no entanto, sempre haverá alguns que, resistindo a toda a lógica e devida boa-fé, não confiam, porque não estimam nem acreditam no nosso afecto, que tem em vista o vosso bem, e portanto não colaboram nem aceitam colaboração. Na medida em que enganam se enganam a si próprios, frustrando a sua formação. Virão a ser semi-homens, descontentes com todos e com tudo, porque na verdade não têm nada de que estar satisfeitos consigo próprios.

Graças a Deus, estas regras do nosso Papa não são novidade para vós. Tem-se-vos mostrado «grandes e belos ideais» para pretender e procurar. Conheceis o amparo nas horas difíceis de perseverança. Mais do que tantos outros, sois rapazes de responsabilidade.

Permita Deus que nenhum de vós haja de responder, um dia: «Senhor, o talento que me deste, enterrei-o»; porque bem sabeis que a essa palavra, o Justo Juiz retorquirá com outra terrível: «Servo infiel».

Padre Carlos

PELAS CASAS DO GAIATO

— Continuação da terceira página —

palco doze casas. Estavam lá os chefes de família: Avelino, Júlio Mendes, Manuel Durães, José da Rocha, Fernando Martins, Fernando Brilhante, Carlos Veloso, Francisco Ferreira. Para fechar, Pai Américo, dirigiu duas palavrinhas ao público, agradecendo a presença de todos.

Não podemos fechar, sem manifestar o nosso mais profundo agradecimento à Empresa Artística do Coliseu do Porto, que, sem qualquer encargo nos franqueia todos os anos esta vasta sala de espectáculos. Portanto, os nossos melhores agradecimentos.

Daniel Borges da Silva

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

—Aqui estou mais uma vez a escrever para o «Famoso» algumas notícias desta casa, e mais ainda, a lembrar aos estimados leitores para que se não esqueçam da nossa casa do Tojal visto ela estar um pouco esquecida.

Como há já bastante tempo, não se fala da nossa quinta, vou dar alguns pormenores a respeito dela, que é para não haver zangas com os leitores.

Ai pelo começo da Primavera as geadas queimaram tudo, excepto o trigo, cujas espigas agora parecem de ouro. Não há dúvida que se Deus quiser vamos ter, como em poucos anos temos tido.

O milho vai pelo mesmo caminho do trigo, pois já o temos com meio metro fora da terra. Esperamos não ter que comprar tanto milho como este ano, pois já compramos umas boas centenas de litros e mesmo assim, é preciso comprar mais, a não ser que os Senhores nos valham.

O faval que devido à geada também ficou queimado, recompôs-se que foi um amor pois nós já comemos bastantes e já começamos a colher o resto que fica para secar, não venha novamente a chuva estragar-nos o arranjinho. O mesmo se dá com a ervilha.

O batatal está que é uma maravilha. Para os fins do mês corrente deve estar a batata fora da terra.

Em cebolas também já apurámos algumas centenas de escudos; mas como os senhores sabem não chega a nada, para 110 rapazes.

Já tinha noticiado há algum tempo, que as galinhas andavam a pôr. Chegaram a uma certa altura ficaram chocas, deitámo-las, e agora já temos patinhos e pintainhos e ainda temos várias galinhas no cboco. Se tivermos sorte, vamos ficar com muitos bicos miudos.

—No dia 27 de Maio realizou-se um encontro de futebol em Fanhões entre as nossas reservas e o grupo local, em que ao fim dos 90 minutos as equipas saíram empatadas a duas bolas.

G. D. Casa do Gaiato—4

S. L. Meijoeira—3

O nosso 1.º team deffrontou em Maio, no campo da Meia-laranja o grupo em cima dito; em que a nossa turma venceu a adversária por 4—3. É claro que eles não gostaram da derrota, e pediram a desforra para o dia 3. Nós aceitamos e fomos arrancar um empate ao campo das Covas.

S. L. Meijoeira—2

G. D. Casa do Gaiato—2

Alinharam pelos nossos: Manuel, Carlitos I, Carlitos II, (ex Paço de Sousa) e Mauel II, Pires e Nazaré, Lapas, Oliveira, Óscar, Fernando e Peniche.

—O «Bota Fogo» já fugiu três vezes. Era para não ficar cá mais no meio da nossa família mas como a mãe não podia lá tê-lo o Sr. Padre Carlos cá o deixou ficar com uma condição, ter que aguentar com um castigo, estando ele a cumprir muito bem o castigo que lhe foi imposto.

—Há aqui no Tojal um senhor que todos os anos se não esquece de nós. Este ano já nos entregou bastante terra para semear milho, e ainda feno em grande quantidade.

—No jogo que realizamos com o Meijoeira rehentou-se-nos a bola que nos faz tanta falta visto ser a única que tínhamos. Por isso peço aos Leitores para não se esquecerem de nós. Cá a esperamos.

—Visto termos muita erva dentro da quinta, têm-me seringado para pedir no «Famoso» uma cabra e um bode. Esperamos o braço amigo de um lavrador a mandar-nos os ditos animais.

Oscar Manuel G. da Silva

LAR DE LISBOA

—Os nossos leitores já devem ter notado que não aparecem há muito tempo nas colunas do «Famoso». Mas hoje cá vamos dar-vos algumas notícias. Vale mais tarde do que nunca.

—Na passada quinta-feira fomos todos ao Tojal, viver um dia de alegria e conviver com os nossos

irmãos. Ouvimos missa e à tarde fomos todos na procissão do Corpo de Deus. Junto a nós esteve o Pai Américo que nos deu a sua bênção.

—Eu e o «Barreiro» continuamos a estudar no curso nocturno. Esperamos para o 3.º ano e o «Barreiro» para o passar este ano. Se assim for eu irei 2.º ano. Outros querem estudar para o próximo ano. Que Deus lhes dê cabeça para poderem levar ao fim este curso.

—O Lar conta agora 14 rapazes, mas a casa é pequena. Pedimos aos nossos leitores, se souberem de alguma casa grande, que nos comuniquem. Desde já agradeço.

—Os Portugueses ganharam o campeonato do Mundo de Oquei em Patins. Venho por meio deste jornal felicitar o meu patrão que é o Presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, por tão brilhante actuação da nossa selecção, e que continuemos sempre a honrar este desporto, são os meus votos e de todos os gaiatos. Com as minhas despedidas, até à próxima, do sempre amigo

José Cascais Martins

SETÚBAL

Já não me lembro qual foi a última vez que escrevi para «O Gaiato» dando notícias desta, tal tem sido o desmazelo do crónista. Costuma-se dizer que quem não lembra se esquece. E assim é. Mas eu não querendo que os leitores se esqueçam de nós, vou lembrar-lhes que esta casa existe, e que caminha a passos largos para um futuro melhor.

Terminou o mês de Maio. Durante o mês de Maio por ser o mês dedicado a Nossa Senhora, à noite, juntámo-nos todos na capela a fim de rezarmos e cantarmos em honra de Nossa Senhora. Quando estava o Senhor Padre Horácio, ele dizia-nos algumas palavras de alimento para a alma. Se não estava líamos um pouco do livro «Foi aos pastorinhos que a Virgem falou». Causava pena não vir ninguém de fora. Uma vez ou outra lá vinha nma mulherzita, mas era muito raro. Esta gente ainda não compreendeu o bem que podiam fazer para a sua alma assistindo ao terço. Não admira. Alguns nem sequer acreditam que têm alma.

Celebrou-se no dia 31 a festa do Corpo de Deus. Na véspera vieram dois senhores padres confessar-nos. Quase todos se confessaram e comunicaram no dia seguinte. À tarde fomos à procissão a Setúbal, afim de prestarmos as nossas homenagens a Jesus Cristo, Rei e Senhor de todos nós.

—Como os leitores devem saber, pois já foi dito numa outra crónica, a nossa quinta é na maior parte plantada a arroz. A plantação vai já bastante adiantada. Mais duas semanas e é natural que tudo fique pronto. É que só as férias para o pessoal andam à volta de seis contos.

José Roque Crisanto

BEIRE

Caros leitores desculpem a minha demora de notícias. Houve estravio de duas crónicas e foi por isso. Encontrava-me triste por ver que poucas pessoas se lembravam dos nossos pobres, mas felizmente já vieram mais. A mesma senhora de Lisboa voltou com mais roupas e diz que tem pena por os que podem não darem. Mais outro pacote no Lar do Porto. Mais por intermédio do Pai Américo com um pedido especial que já satisfizemos. Aquele fato que fez tanto jeito aos nosso canceroso. Temos muitos necessitados, passam palavra uns aos outros e não deixam a nossa casa relatando as suas necessidades. Enfim, se os nossos leitores quiserem a todos havemos de acudir. O correio já não se engana: Beire—Paredes. Tenho a agradecer muito aos senhores da Casa de sementes Terra do Porto, e dos viveiros de Castromil que nos deram sementes e roseiras. Muito obrigado.

—O Pai Américo está a pensar no nosso campo de futebol. Será na mata em frente a nossa casa. Lembrem-se os senhores das bolas e das equipas. Campo vamos nós ter muito breve. Visto a nossa capela estar pronta fizemos nela o mês de Maria de que tanto

gostamos e as pessoas de fora que aqui vinham em grande número. Dia após dia fomos cantando os louvores da Mãe de Deus e fazendo as nossas preces:

Manda aos nossos lares
A bênção de Deus
Rainha dos mares
Da Terra e dos Céus.

Até que chegou o dia 31, o dia da festa destinado a levar a imagem de Nossa Senhora para a Igreja. Procissão de velas, vindo assistir muita gente, foguetes que um devoto ofereceu. Enfim, uma ovação àquela que é nossa Mãe do Céu, que todo o mês tinha estado junto de nós cercada de flores dos nossos campos, tão variadas e tão lindas como não há noutra parte. Esta época é consagrada a Ela e o Divino Jardineiro encarregou-se de fazer deste cantinho um verdadeiro jardim.

E como o senhor Padre Adriano lembrou ao povo que enchia o nosso largo e avenida ao organizar-se a procissão pedir a Nossa Senhora que abençoe esta Casa que se destina a recolher os doentes e ajudá-los a partir felizes deste vale de lágrimas. Ficámos muito contentes porque a primeira homenagem pública que o povo desta terra e nós prestamos foi à nossa Mãe do Céu e assim ela nunca nos há-de esquecer. Dentro de poucos dias será benzida a Capela. Será sem festas, que o nosso Pai Américo quer tudo muito simples.

Serafim Emanuel

A Venda do Jornal NO PORTO

Caros leitores, mais uma vez aqui estou presente para comunicar algo do que sucede na venda do «Famoso». Começo por me queixar, que a venda de «O Gaiato» na cidade Invicta, tem afrouxado bastante. Será dos senhores?

Gostamos que comprem o jornal mas temos mais gosto que aqueles que o compram leiam com atenção e meditem pois os seus escritos merecem tal. «O Gaiato» é um perfeito Evangelho. As suas palavras são acalentadoras quando lidas e relidas com atenção. Muitos não poderão dar esmolas que a obra carece, mas também podem com o seu exemplo animar outros que para eles nada lhes custará dar, pois têm em abundância.

Secundino, vendedor do «Famoso» em Viana do Castelo, queixava-se dos Vianenses. Idem de Barcelos. Não desanimem. Olhem que «O Gaiato» é composto na «Intertype». No Porto ofereceram ao «Lampreia» uma gravatura muito bonita e também me ofereceram outra, uma senhora dos Correios da Batalha.

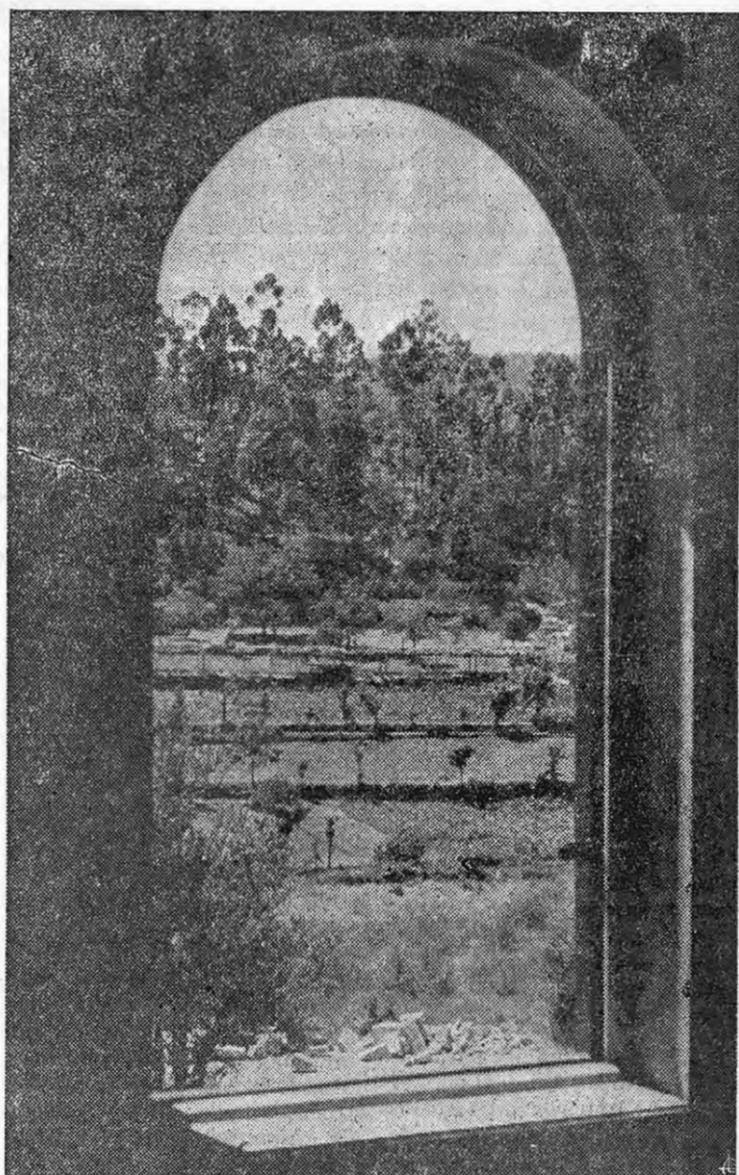
Um filho do senhor Delfim Ferreira ofereceu umas roupas ao vendedor Carlitos e aos Meninos. É disto que os rapazes gostam. Gostam de andar no Porto só para ter algumas coisinhas de vez em quando. Continua a interessar-se por nós o Senhor Cruz, na cervejaria Sá Reis, que tem o costume de dar merenda aos vendedores do «Famoso». Mais uma vez agradeço-nos.

Banana

PAÇO DE SOUSA

—Estas notícias de Paço de Sousa vão entrar em casa dos estimadíssimos leitores para lhes desejar muita saúde, que continuamos a viver com gosto, que a nossa festa no Coliseu foi um exito absoluto e que a nossa cidadezinha está cada vez mais bonita. A atestá-lo, quantas pessoas que de todos os lados e utilizando as vias de transporte mais variadas vêm aqui ver com seus olhos a Obra que é nossa e deles! Todos lhe temos amor e a sentimos no nosso peito. É o braço da nossa alma.

Muito obrigado a todos que procuram por este meio a sua Garantia eterna. Ainda ontem era aí um mundo de gente! Entravam nos dormitórios, hospital, escolas, casa da lavoura, capela, centro de todas as atenções, Casa Mãe onde estão os refeitórios e a Cozinha, onde estão mais tempo, talvez pelo cheiro agradável, onde um grande fogo tem em cima não menos pequenos panelões. Cabiam lá à vontade quatro «batatas»! Grandes terrinas de arroz, massa, uns a cegar cruvas, outros a descascar batatas e de vez em quando o Russo a aturar com uma bota ou soleta a alugar que ande per lá a rondar ou tentar meter a mão ao tache...



Isto são «Casas do Gaiato». Um recanto!

No passado dia 27, vieram à nossa aldeia os empregados das Sedas Nogueira, em três Auto-carros. Têm-nos visitado todos os anos e nunca se satisfazem. Assim é que nós gostamos. Estas pessoas, com seu amor é que dão o ser à Obra. Por meio delas é que nos guindamos mais alto e levamos o nome de Portugal às cinco partes do mundo e Jesus é mais acreditado.

Passaram cá a tarde e realizaram um desafio com a nossa segunda categoria. Estavam a vencer e muito bem por 3-1, mas depois entraram o primeiro grupo e o resultado modificou-se. Empatamos a três bolas e se o jogo durava mais uns minutos, teríamos ganho a partida.

A nossa festa no COLISEU DO PORTO

Foi no passado dia 24 de Maio que fomos fazer uma festa no Coliseu, dedicada a todos os nossos amigos, que tanto amor nos têm e trazem a Ohra da Rua atravessada no coração.

A vasta sala do Coliseu apresenta um aspecto magnífico. Está a casa completamente cheia de amigos da Casa do Gaiato, que aplaude com calor os artistas de palmo e meio que desfilam diante de seus olhos. A nossa obra é como um iman que atrai e entusiasma o bom povo da cidade Invicta, que está conosco desde a primeira hora. Apesar de nessa noite haver festivais de carácter internacional e espectáculos de muita fama, os nossos amigos não faltaram à festa. É assim o povo do Porto!

O espectáculo começou quase às dez horas. Depois de breves palavras de Júlio Mendes, o locutor da festa, foi apresentada a vinda de um rapaz para a Casa do Gaiato. A primeira operação a fazer-se era tomar banho, cortar o cabelo, e depois três dias de folga para conhecer a nossa organização. «É batatas, toca a lavar. Vamos à vida que já é dia!» É a voz do chefe dos mais pequeninos que os vem acordar, lavar a carita e ensiná-los a dar graças ao Altíssimo. Depois há a refeição. Carlos serve, Sedielos traz o pão que sai do forno e o chefe vê como as coisas correm. A seguir à refeição, este marca as obrigações de cada um: vais descascar batatas; tu vais varrer os terreiros; tu, as capoeiras, tu para a lenha, para a

beira do Sejaquim, etc. Houve escola, pelo Carlos Inácio e para findar esta primeira parte, entraram «Os Amigos do Pagode», que o público bastante gostou. A sua constituição era a seguinte: motorista, Daniel Borga da Silva; ajudante, Sousa Marreco e Daniel da Franga; mecânico, Neca Bigodes; cobrador, António Paizinho, que também exercia as funções de chefe das capoeiras; limpador de vidros, Areosita das Cobras; conjunto dos Leiteiros de Alguidares de cima: Ramada Baixo, Joaquim das Cenouras, António da Costa Brasileiro, Diamantino Braga. Neste intervalo, vieram ao palco os campeões nacionais, com o Sr. Dr. Sousa Nunes e o treinador brasileiro, Dorival Knippel Yustrich, a quem tive a honra de abraçar, na pessoa de todos os colegas. Muito obrigado pelas palavras amigas e pelas atenções que nos tem prestado.

Agora, para começar a segunda parte, há um número de ginástica de homenagem ao Futebol Clube do Porto. Estão no palco as bandeiras nacionais e do F. C. Porto. Este número foi muito saudado pelos presentes, com uma calorosa salva de palmas. Em seguida, o chefe pergunta pelos trabalhos feitos e aparece o Cerqueira com «O Gaiato» na mão, pois ele é impressor. O Artur Nighthale, representando os camponeses, traz os castelos de couves. Seguem-se os serralheiros, que mostram as suas habilidades em ferro forjado. Quem comanda é o António Nascimento e o Miranda e Artur trazem uns grandes óculos também em ferro. Passam os tecelões, alfaiates e carpinteiros com suas primorosas obras e para findar, aparece o Mota com uma vela de cera, (sinal de que trabalhou como um negro), mas ficou mal, pois aqui em casa «quem não trabuca, não manduca»!

Debaixo de muitas palmas, entram no palco todos os batatas, que apresentam «A capoeiras», desde o peru vaidoso, ao mais pequenino dos pintainhos. Já ia terminar esta parte, sem me lembrar de enumerar os diálogos. Foram dois. Um sobre o Património dos Pobres e outro entre um cicerone e um visitante, bastante apreciados.

Na terceira e última parte houve um documentário cinematográfico sobre a Aldeia de Paço de Sousa, com boa fotografia e óptima locução de D. João da Câmara. Foi organizado pelo S. N. I. Para findar, subiram ao

Cont. na pág. DOIS

UMA CARTA

«Acabo de ler no jornal a notícia de mais um dos muitos chás-canastas de caridade, que algumas senhoras da nossa «melhor» sociedade organizam quando querem fazer de conta que amam alguma coisa além do seu prazer, pessoal e intransmissível.

E a minha revolta é tão grande, que tenho de desabafá-la consigo, P.e Américo, que sabe o que é o amor de Deus e dos outros.

Porque mascaram elas a sua frivolidade com o nome da maior das virtudes? Porque não queimam os seus dias inútilmente, como fazem, mas sem arranjar nomes que dêem aparência louvável ao que é única e simplesmente desprezível, porquê? Em nome de que religião exercem o seu apostolado? Em nome de que organismo preguiçam? Em nome de que falso ideal vegetam? Trarão algumas o emblema da A. C. — não me espanta... Um emblema é um emblema e em qualquer lapela se pode pregar...

PATRIMÓNIO DOS POBRES

— Continuação da 1.ª página —

É tão gostoso ouvir-se dizer que em tal comarca os Pobres não se queixam do seu semelhante! Mais casas em Campo Maior!

*** Atravessamos Portalegre e vimos no alto, entre pinheiros, uma aglomeração de edifícios. O Seminário? Se sim, é uma alternativa feliz. Temos o aglomerado de residências ao serviço do aglomerado de homens, consoante idades, estados, obrigações. Oh ideia!

Mais um arranque e paramos em Castelo de Vide. O senhor padre Albano contava. Fomos imediatamente ao sítio onde estão as primeiras seis e ele está interessado em construir outras tantas até ao fim do ano. Não lhe falta terreno. Já pagou ao mestre de obra, e como os desabrigados são muitos, segue-se que as contas da segunda empreitada já estão pagas. Para bom entendimento...

*** Em Ponta Delgada trabalha-se. Já demos 10 contos ao pároco de Rabo de Peixe. Trinta deles ao pároco de S. Vicente. Dez, Lomba de S. Pedro. Sete, Ponte Garça. Vinte, Povoação. E mais uma dúzia a cada um dos párocos de Angra, Horta e Lages.

*** Na cidade do Funchal entregamos oitenta contos ao pároco da Sé. Ao pároco de Ribeira Brava demos sessenta deles e ao do Porto Moniz doze. Quem mais trabalhar mais recebe.

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

Da assinante 10.340, 20\$00. Do nosso muito amigo Senhor Ventura Ferreira de Oliveira, 50\$. Num envelope 20\$00. Que anonimato! Outra vez África: «Junto envio 100\$ para os pobres da Conferência da vossa Aldeia». Assina «J. M.» e vem de Nova Lisboa. A nossa Amiga, Senhora A. F., do Porto, diz: «Este mês venho um pouco atrasada mas não foi por me ter esquecido da Obra, não, só motivos de saúde me obrigaram a este atraso. Assim, vai o costume vale para a vossa Conferência!» Que Deus se lembre da Sua saúde, eis os nossos ardentes votos. E por último recebemos de Manuel da Silva Nunes, a quantia de 11\$00.

Júlio Mendes

O que nos dão no Tojal

Lisboa é grande metrópole. Nela já não é fácil ao povo dar-se conta de um movimento pacífico como o nosso, à semelhança do que acontece em outras cidades do país. Há muita gente que ainda nos não conhece; outra que nos conhece mal e é indiferente.

Contudo, é bom para ela que abra os olhos e procure ver, porquanto a Caridade, ainda que viaje incógnita, não deve ser uma desconhecida. Deve, sim, ser assaltada ao caminho por colecionadores de autógrafos que ficam gravados indelévelmente no livro da Justiça Divina. Mal vai o mundo se A perde de vista entre as celebrações efémeras que hoje chutam ou gargolejam bem e amanhã serão reduzidas à sua autêntica insignificância, quando surgir o reumatismo ou a rouquidão.

Lisboa é grande metrópole e ao seu povo já não é fácil dar-se conta de movimentos pacíficos. Ora como isto não é bom, aqui fica o aviso, para que os lisboetas reajam e supram, a rasgos de boa vontade, as dificuldades que a dimensão da sua terra lhes levanta.

Há ainda, todavia, muita gente que nos conhece e tomou posição e se lembra de nós. A agenda desta casa tem dias em branco e outros muito cheios, não tanto de valor material como de sacrifício e dedicação. E aquele e esta são justamente a moeda de cotação eterna.

Começa o mês de Maio com um donativo de 100 e logo a seguir 863\$80 e muitos pacotes de mercearia das alunas do colégio «O Académico». Outros visitantes com 200\$. De esmolas várias 70\$, mais 50\$. Por intermédio da Câmara de Lisboa 4.000\$. Tornam visitantes com 100\$ e 30\$ e as alunas do D. Filipa de Lencastre com mercearias, roupas, livros e 166\$ em dois mealheiros de barro. Uma esposa lisboeta manda 100\$ «do aumento de ordenado de meu marido». Um homem que é aumentado de 100\$ não deve ter grande salário. Isto valoriza muito o acto desta mulher. O «Casal de Arroios» cá vem com os 100\$00 mensais e «Dois jovens quaisquer» com 300\$, referentes a Abril e Maio. Não são as importâncias, aqui, o mais impressionante; é a perseverança destes dois pares de almas apaixonadas que não gozam férias de dar, desde há anos.

A porta do Lar 40\$. Este é na Rua Renato Baptista, 70-1.º. Fica a dez minutos do Rossio. Que ninguém se escuse por ser fora de mão. Empregados dos Produtos Lácteos entregam a sua cotização voluntária de Abril: 197\$50. De Sintra, um donativo há muito prometido. Depois de todas as maquinas fieou em 5.920\$70.

A Câmara do Seixal enviou um cheque de 500\$ — subsídio anual. Grandes amigos devemos ter por lá, para assim nos tratarem como seus sem sermos seus munícipes. E não é só isto! A nossa tipografia está muita vez por conta daquela Câmara. Uma excursão dos Serviços Médico-Sociais deixou 384\$50 e muita simpatia. Na mesma tarde, uma senhora modesta en-

SETUBAL

Muito temos a contar da maneira como os setubalenses nos têm recebido. Há quem diga pouco; nós temos muito a dizer. Não muito em proporção daquilo que necessitamos; mas muito para uma casa desta natureza que ainda está em princípios e por isso, pouco conhecida. Quando todos nos conhecerem, muito nos hão-de amar!

Há uma nota predominante nesta gente: a generosidade. A primeira coisa a impressionar-nos profundamente é a vinda de um grupo grande de Senhoras todas as segundas feiras. Deixam as suas casas, seus afazeres e vêm para nossa casa, tratar da nossa roupa. Conseguem meios de transporte, trazem linhas e remendos e retalhos e roupas e merendas e mais coisas. Quando chegam, já os nossos mais pequeninos estão à espera. À noite ainda levam roupas para preparar em suas casas. E são Senhoras de todas as categorias sociais e as que vieram a primeira vez, não passam sem vir nas vezes seguintes.

A nossa vida apaixonada. A criança, e mais ainda, a criança abandonada é a presença de Deus, abandonado pelos homens. E por isso quem O conhece, apaixonou-se. Cada visitante que vem é mais um apaixonado que fica e um porta-voz que parte.

Ainda há dias uma família visitante viu e sentiu e pediu para Sacavém muitos caixotes de louças que já nos foram entregues.

Outro facto importante é a venda do nosso jornal «O Gaiato» em Setúbal. Vendiam-se uns sessenta e agora anda pelos quatrocentos. Um senhor na Escola Comercial pega na mão do nosso pequeno vendedor e corre todas as salas e prega em cada uma delas.

O Joaquim das primeiras vezes não teve aonde comer e teve de ir a uma tasca escondida. Mal «O Setubalense» e «O Gaiato» deram sinal, logo apareceu uma multidão, ao despique, a chamar para as suas mesas. E nas primeiras vezes a seguir à notícia toda a gente perguntava se ele é que era e se já tinha comido. E já rentinho à noite ainda um grupo de senhores à porta dum café lhe perguntava se já tinha almoçado e ateimava para que fosse ali comer. E todos os domingos um senhor quere o «Cabouco» à sua mesa e depois vai levá-lo a nossa casa. Quem há que possa dizer mal?

Pelas terras que temos corrido ainda não encontramos assim apaixonados pelas Casas para Pobres como aqui em Setúbal. A começar pelo Senhor Governador Civil, Snr. Presidente da Câmara, Snr. Comandante da Polícia, Senhores Piores, Vicentinos e toda a gente; todos estão ansiosos e cheios de boa vontade. Falta-nos só a nós uns momentos livres para ajudarmos a começar. Também não deverá haver terra portuguesa com mais necessidade de casas do que esta. Mas a verdade é que há aqui boas vontades. Logo que se comece, a obra tomará grande marcha.

Não podemos aqui deixar de registar o que nos têm dado: uma fábrica de conservas chamou-nos o entregou-nos mil latinhas. Mais uma outra empresa uma caixa grande; mais um embrulho com várias latas. Estas conservas é que nos têm valido nesta falta de carne e peixe. E ainda assim temos comido o pão seco à merenda. Cincoenta para o «Calvário» dos finalistas da Escola Comercial; roupas aos vendedores. E mais coisas de que agora não nos lembra.

Por último queremos dizer a todos os setubalenses que contamos dentro em pouco ir pelas vossas igrejas, pregar o Evangelho e receber as vossas ofertas.

Se não for antes, até lá se Deus quiser.

Padre Horácio

tregou um subscrito e escreveu por fora: «De um acto de Justiça». Foi-se a ver e eram cinco notas de mil. Mais 50\$ para duas missas e outro tanto com o mesmo fim.

Dos empregados da Mobil Oil 1785\$ — cotização de Abril. Outros que conhecem e amam e por isso se não cansam, mês após mês, ao longo de muitos anos.

O peditório em uma igreja das mais pobres de Lisboa rendeu 958\$30. A eficiência deste pouquinho só Deus a sabe com exactidão. Porém, eu acredito nela e dou graças por ter co-

nhecido a grandeza do seu pároco. O Senhor há-de continuar a ajudá-lo.

«Pelo bom resultado da operação de Alguém muito querido», 50\$ e mais 20\$ para a Conferência. Um casal amigo veio trazer o abono de seu primeiro filho. Vários visitantes deixaram 125\$ e mais 31\$50 e 20\$ de donativos diversos. Mais mil escudos e o pedido de celebração de vinte missas. Mais 1892\$50 de assinaturas pagas no decurso do mês.

E até ao próximo, se Deus quiser.

Padre Carlos

Maria»